

MODOS DE VER E FORMAS DE DIZER: O ITINERÁRIO DAS PALAVRAS EM SEVERINO VIEIRA PARA AS COISAS DA BAHIA.

Fabício dos Santos Brandão*
Liliane Lemos Santana**

RESUMO: *À guisa de encontrar um real valor sobre os estudos em torno da escrita e de suas representações lingüísticas, históricas e filológicas, levou o presente trabalho a analisar por via de documentos referentes à produção intelectual de um notório baiano conhecido como Severino Vieira, na tentativa de traçar a partir do léxico as construções históricas de uma época e de uma sociedade.*

Palavras-chave: Escrita, História e Lingüística histórica.

1. INTRODUÇÃO

Tecer a partir da interseção entre a História, a Lingüística e a Filologia algumas particularidades ou minudências lexicais atribuídas à Bahia através da produção intelectual de Severino Vieira é o propósito desta investigação. Com isso, objetiva-se mostrar, através da edição crítica de parte de suas correspondências pessoais ativas e passivas, a construção sócio-histórica e lingüística do cenário baiano dos entresséculos XIX e XX. Isto dentro do estudo do léxico representa a oportunidade de resgatar a história-testemunho do povo de então, assim como, entender as principais mudanças e variações ocorridas na língua portuguesa em território brasileiro.

Nesse diálogo, a escrita assume uma postura fundamental, pois é por meio desta e de como fora documentada pelo notável Severino que se observar-á a capacidade humana de criar significados próprios para o envolvimento social no qual está inserido, diante de palavras que proferem.

À medida que descreve a Bahia, através de cartas formais, Severino Vieira, é capaz de traduzir-se como sujeito-histórico, por isso, vê na escrita um dos artifícios de preservar as suas memórias.

Ao longo de sua trajetória, este nos revelou as suas diversas facetas, mas é como político e jornalista político que o crescente discurso lingüístico se fundamenta para nos evidenciar uma história marcada por esse narrador-personagem, presente na maioria das atividades sociais baiana do século XIX.

2. SOBRE O AUTOR: SEVERINO VIEIRA

As terras da Freguesia de Nossa Senhora do Monte do Itapicuru da Praia – Bahia – Brasil comportava, desde 1806, a vila Ribeira do Conde, a qual serviu como cenário, no dia 8 de junho

* Pesquisador do Grupo de Edição de Textos, coordenado pela professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (orientadora) sediado no Departamento de Letras e Artes, pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana; birobahia@hotmail.com; autor.

** Bolsista Iniciação Científica da FAPESB, Pesquisadora do Grupo de Edição de Textos, ambos coordenados pela professora Doutora Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz sediado no Departamento de Letras e Artes, pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana; lyklemos@yahoo.com.br; co-autora.

de 1849, para o nascimento do célebre Severino Vieira. Este, por sua vez, teve no seu lar os primeiros contatos com o mundo da leitura e das quatro operações, mas isso ainda não era o suficiente para torná-lo no futuro, o homem de destaque e prestígio social, então a caminho de um bom órgão de ensino e numa prática muito comum até nossos dias, migra até Salvador, capital da Bahia, para realizar o aprofundamento nas letras.

No colégio São João, no Corredor da Vitória, conhece o professor João Estanislau da Silva Lisboa, famoso naquela localidade por ser um formador para as letras. Na sua trajetória, Severino Vieira pôde figurar-se em diversas modalidades que significavam a nobreza baiana de então, dentre elas a política e jornalismo.

Como político vivenciou, no bojo da Bahia, a oposição ao partido Liberal, chefiado pelo Conselheiro Dantas, isto porque fazia parte dos ideários políticos do Partido Conservador, dominado João Maurício Wanderley conhecido também como Barão de Cotegipe.

A sua presença na vida pública ficou marcada por dois momentos: o mandato que exerceu como governador no período de 1900-1904 e pós, quando tem por meio de seu amigo Ruy Barbosa, contato com o mundo do jornal. De fato, o jornalismo político tornou-se a profissão exercida até a sua morte, no dia 27 de setembro de 1917.

3. ANATOMIAS DO TEXTO

3.1 A Filologia

O modo de ver e de retratar o mundo sempre representou um desafio para o homem, pois foram os diversos recursos que este utilizou para garantir à posterioridade as suas lembranças, elementos como: o calendário, os mitogramas e até a própria arte rupestre foi muito difundida na tentativa de fazê-lo sempre presente. Mas é com o advento da escrita e das possibilidades de se comunicar mais rapidamente que a humanidade passa a formar uma língua. Uma sociedade capaz de tornar a língua que a domina, numa forma de poder, ideologia, libertação e, principalmente, socialização.

O que tem a ver isto com Filologia? Por ser um trabalho realizado com a cabeça baixa, ou melhor, pela ida às fontes, este campo da linguagem escrita ao longo da história fora traçada para auxiliar o leitor na decifração gráfica dos manuscritos e, com isso, salvar dos estragos do tempo alguns escritos que preservam o espírito de um povo em determinado lugar e espaço.

A Filologia surge a partir do instante em que a dimensão textual estava apenas voltada para a recordação, sem nenhum cuidado com as possíveis alterações, reduções e acréscimos que naturalmente os copistas, por descuido, intercalavam no documento manuscrito, gerando um problema de edição.

À procura de uma boa edição, o árduo trabalho do pesquisador necessitava de noções e conceitos que assegurassem as suas atividades uma fidedignidade, para isso, principiava neste contexto algumas soluções ou até mesmo alternativas capazes de fornecer ao filólogo a compreensão de que, como estudioso do texto escrito, este deveria centrar-se na idéia de salvá-lo da destruição material e do esquecimento.

Assim, caminhos como a paleografia e a diplomática começaram a servir como instrumentos de preservação e de resgate da escrita em determinados contextos sociais.

Para Berwanger (1995, p.13):

Tanto a Paleografia como a Diplomática tratam de texto, mas com pontos de vista diversos.

Enquanto a Paleografia lê e decifra os caracteres extrínsecos do texto (letra, números, abreviaturas, ligações e outros sinais gráficos), a Diplomática se ocupa de seus caracteres intrínsecos (idioma, teor, estilo). Se a Paleografia se interessa pelo documento em si traçando regras para a sua tradução e decodificação formal, a Diplomática faz a interpretação do texto, explora o seu teor e conteúdo, analisa a língua e o estilo e verifica a autenticidade do documento.

Dir-se-ia que uma cuida do corpo e a outra da alma do texto.

3.2 Os Documentos

Os documentos que compõem a análise encontram-se em locais distintos, a Correspondência Pessoal, datada de 09 de agosto de 1912, está sob a guarda da Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, sediado no Museu Casa do Sertão, pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia-Brasil).

O impresso é um relato jornalístico de posse da Biblioteca Central do estado.

3.2.1 Descrição dos Documentos

A Correspondência Pessoal, datada de 09 de agosto de 1912, encontra-se em quatro folhas de papel de carta, escritas no recto e no verso, contendo a marca d'água ABC, figurada na margem esquerda; à margem direita há a marca d'água com o nome do fabricante "CHARLIA REGIA ANSONIA". Há também furos e marcas de dobras.

O soneto foi publicado no jornal "Correio de Notícias", no dia 22 de maio de 1900, por Edistio Martins.

3.2.2 Critérios de Edição

Na execução desta análise filológica, priorizaram-se normas para transcrição adotadas pelo projeto de pesquisa Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico. Trata-se na verdade da transcrição conhecida como conservadora ou semidiplomática, por implicar em respeitar fielmente o texto: 1. Grafia (letras e algarismos), linha, fôlio. 2. Numerar o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fôlio. 3. Separar as palavras unidas e unir as separadas. 4. Desdobrar as abreviaturas apresentadas em itálico e negrito. 5. Utilizar colchetes para as interpolações. 6. Utilizar chaves para as letras e palavras expurgadas. 7. Indicar as rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências. 8. Expontuar as letras de leitura duvidosa.

3.2.3 Lição Conservadora

Apresentar-se-á aqui a lição conservadora do fôlio 2rº da Correspondência Pessoal; e da folha identificada pelo número 2376, do impresso do Jornal Correio de Notícias.

Correspondência Pessoal

Para mim a política é um apostolado
Impotente para arrancar de dentro
de mim mesmo esses sentimentos
que acorrentam do [...]
Do seu serviço eu não posso abandonalo.

Além deste vínculo sentimental há um outro que ella me prende com igual vigor: é o dever de solidariedade, de afeição e de reconhecimento aos correligionários que têm della a mesma compreensão que eu tenho.

Eu mesmo não quero ser causa alguma; considerando-me, perfeitamente, à vontade onde estou; e creia o meu bom amigo que se antes determinar o caminho da vida se me offerecer em-sejo de aceitar alguma posição, só a farei para [...], segundo o valor de cada um, [aos] correligionários fieis e cumprir a minha missão de paz.

Soneto

(Ao Dr. Severino Vieira)

De volta ao lar querido, circundando
Dos applausos reais de um povo inteiro
Eil-o nobre e pujante, eil-o altaneiro,
Ligando o seu presente ao seu passado

Um futuro feliz, alevantado
Seja o pharol do illustre brasileiro,
Que deixa, altivo, do progresso abreiro,
O caminho em que passa illuminado.

Sabendo honrar o nome, a pátria honrando,
Elle faz jus à viva sympathia,
Que esta, por seu prestígio, conquistando.

Por isso, com denado fidalguia,
Para acolher o filho venerando,
Enfeitar-se de galas a Bahia.

4. O LÉXICO PARA UMA CONSTRUÇÃO LINGÜÍSTICA E HISTÓRICA

A intenção aqui é descrever algumas peculiaridades ou minudências lexicais sob o prisma da Lingüística e da História, procurando contribuir com novos dados no que se refere aos estudos da língua portuguesa no Brasil dos séculos XIX e XX e, quem sabe, com um dos trabalhos considerados indispensáveis para a criação do tão necessário dicionário histórico da Bahia.

Esta contribuição microscópica esclarece como as palavras, dentro do quanto se desdobre a capacidade criativa do ser humano, podem ser ressemantizadas e transformadas, capazes assim de oferecer certas pistas de como o português, desde que adentrou no Brasil, tornou-se cada vez mais brasileiro.

O vasto legado cultural, em particular do século XIX, muito significou para que os ideários românticos propagassem um modelo de nação mais singular, com sua própria lembrança, e isso passa a ser notado, acentuadamente na língua, em meados do período

oitocentista, quando determinados fenômenos lingüísticos assinalam para duas modalidades de um português: o brasileiro e o europeu.

A partir de então se começa, através do registro escrito, a perceber a diferença entre a forma e o uso da língua de Portugal com o recém independente Brasil. Para tal condição, priorizaram-se duas vertentes: uma de natureza grafemática e outra de natureza semântica.

No aspecto do grafema, a presente proposta aborda a Lingüística e, em relação à semântica, um olhar sobre a história da Bahia, desde a iniciação da vida pública de Severino Vieira até a sua morte.

4.1 Análise Grafemática

PALAVRA	GRAFIA ATUAL	ANÁLISE
Offerecer (CP. Fº2rº, 1.16) Ella (CP.Fº2rº,1.7) Della (CP.Fº2rº,1.10) Afeição (CP.Fº2rº,1.9)	Oferecer Ela dela Afeição	Simplicidade da geminada em posição intervocálica.
Victima (CP.Fº2vº, 1.5-6) Affectuoso (CP.Fº 4rº, 115)	Vítima Afeituroso	Simplificação do grupo consonantal – ct -> -t-.
Brazileiro (Impr., 1.7)	Brasileiro	Na grafia atual utiliza-se o grafema <s> para representar o fonema /z/, no entanto a grafia fonética em voga no séc. XIX utiliza o grafema <z> representando, o fonema, ocorrendo uma relação biunívoca <z>=/z/.
Compreensão (CPFº2,rº,1.11)	Compreensão	Ocorre a supressão do – h – intervocálico.
Abandonalo (CPFº2rº,1.5)	Abandoná-lo	Atualmente, há uma separação do verbo e pronome, que antes comportava a forma justaposta.

No que diz respeito à ortografia da época, nota-se que, ao contrastá-la com a ortografia atual, os lexemas passaram por um contínuo processo de simplificação. As razões que nortearam esta mudança centram-se nas primeiras tentativas de uniformizar a ortografia, por volta de 1916, e das diversas reformas que se estendem até os nossos dias.

Logo, algumas observações a seguir permitirão visualizar as principais mudanças:

- ocorre a simplificação das consoantes geminadas, permanecendo no caso de –rr-/ -ss- para fazer distinção gráfica e semântica, veja em “morra” e “mora”. A primeira proveniente da forma verbal “morrer” quer dizer o fim da vida para alguém, já a segunda, está relacionada com moradia, lugar onde vive alguém;
- os grupos consonânticos -ct- / -cp- foram reduzidos em sua maioria, conservados em algumas palavras como em “aspecto” ou até mesmo para estabelecer a diferença gráfica e semântica como no caso de “pacto” e “pato”. A primeira palavra tem como seu sinônimo o vocábulo “acordo”, já a segunda refere-se a uma espécie animal;
- a separação de duas categorias gramaticais, isto é, verbo e pronome, ora utilizados, justapostos ora não, como nos exemplos apresentados na correspondência pessoal “abandonalo” (1.5) e considerando-me(1.13).

Os casos mencionados apenas exemplificam uma parte das diferenças que certamente ainda aparecerão e servirão como auxílio para a história da língua portuguesa em terras brasileiras.

4.2 Considerações sob o Léxico: a Semântica

Selecionados os verbetes e algumas expressões para a ilustração, dar-se-á a classe correspondente ao léxico e suas atribuições que culminem os registros e fatos do âmbito baiano no período supracitado. Na elaboração, optou-se pelas seguintes abreviaturas:

s.m.: substantivo masculino

s.f.: substantivo feminino

fº : fólho

rº: recto

vº: verso

Impr.: impresso

CP: Correspondência Pessoal

CN: Correio de Notícia

4.3 Análise dos Verbetes

Correligionário

S.m. Que ou aquele que é da mesma religião, partido, doutrina ou sistema que outrem. Tem origem e base de significação na palavra religião, sua forma cor. religionário 1881// ir. religião 1813 vem do latim tardio irreligio-onis.

Contexto histórico

Muito presente nos registros, tanto orais quanto escritos, este vocábulo ajudou a designar dois partidos políticos vigentes na Bahia Imperial, um dos conservadores e outro, dos liberais. Estes partidos fizeram da geografia um forte recurso para demarcar zonas fronteiriças dos seus ideários políticos. Assim, os seus líderes buscaram estratégias capazes de introduzirem, no seio de uma região, indivíduos que representassem a oposição política. Isto ocorre com o nordeste baiano, quando João Maurício Wanderley, o Barão de Cotegipe, chefe do Partido Conservador, identifica no clã dos Vieira, na Vila do Conde, atual Itapicuru, o Severino, o qual se tornaria um nódulo deste partido no centro do liberalismo chefiado pelo Conselheiro Dantas.

Dessa forma, a palavra é empregada para designar aqueles que trabalham de acordo com um pensamento, então, temos de um lado o crescente Partido Liberal, liderado por Manoel Pinto de Souza Dantas que, logo ao regressar dos seus estudos na Faculdade de Direito de Olinda – Recife, assume o cargo de deputado provincial e geral, o que levaria a determinados reparos e providências do outro, o Partido Conservador do Barão de Cotegipe.

Consciente da possível significação do que é política, Severino discorre em um dos relatos:

Neste particular não tenho que ser ouvido. para mim a política é uma religião e São Paulo já ensinava *nihil est tum voluntarium quan religio*, que eu parodio nada é mais voluntário do que a política.(CP, fº 1 vº)

Com isso, é permitido inferir, diante da associação entre política e religião realizada por Severino, a sua condição de lingüista e analista do discurso.

Severino

S. m. Nome de homem. Refere-se a Severino Vieira (1849-1917), um notório cidadão proveniente de uma larga tradição política, familiar e social na Bahia oitocentista sendo atribuídos alguns adjetivos que demonstram as várias facetas incorporadas ao longo da sua vida, tornando-o um sujeito histórico naquela cidade:

Juiz, advogado, deputado, jornalista, chefe político, senador e ministro, sua excelência subiu, em 24 anos de continuado esforço e labor, todos estes degraus da escala política, com tal inteireza de porte e tamanha compostura moral, que não podem deixar de ser para alegres vaticinos todas as promessas do seu governo. (CN, 2 de janeiro de 1900, discurso proferido por companheiros políticos).

No ano de 1914, mais um dos eruditos de época conhecido como o maestro Carlos Gomes publica no jornal Diário da Bahia, numa terça-feira, 9 de junho, um dia após o aniversário de Severino, a dimensão de sua admiração quando diz que este é:

Admirador do vossa valor, muitas vezes revelado, nos momentos mais cruéis e difíceis porque tendes passado sob o golpes do destino... a frente do Grande Partido que sabiamente dirigis... possaes continuar com a humildade dos que sabem da luta pelo bem, sem interesses de glórias, que não sejam pelo amor da Pátria. (Dedicatória escrita no dia de seu aniversário, 08/06/1914).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que este texto apresenta alguns poucos resultados acerca do exaustivo trabalho para a história da língua portuguesa e da edição de documentos não-literários brasileiros. Na verdade, espera-se, com isso, suscitar nos leitores o prazer pela edição conservadora, assim como contribuir com novos dados e perspectivas para os estudos de lingüística histórica, de léxico e de semântica.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: EDUFPE/JN/Massangana, 1994.

ALI, Manuel Said. **Investigações filológicas**. Rio de Janeiro: Grifo; Brasília: Inl, 1975.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários “in memoriam” Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511-520.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. São Paulo: Nacional, 1938.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 4.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

MARTINS, Edistio. Soneto. **Jornal Correio de Notícias**, Salvador, ano 9, n.2376, 1900.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997.

TEIXEIRA, Cid. Severino Vieira – 150 anos –. **Revista da Fundação Pedro Calmon**, Salvador, ano 4, n. 4, p. 47-54, 1999.

TELLES, Célia Marques. Que textos são oferecidos aos estudantes? **Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE**, João Pessoa, ano 5, n. 1 e 2, p. 21-28, 2003.

_____. A Crítica textual no Brasil: um esboço historiográfico. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 21/22, p. 39-58, 1998.